

## NO OLHO DO FURACÃO: REVISTA *VEJA*, CENSURA E DITADURA MILITAR (1968-1985)

INSIDE THE EYE OF THE HURRICANE: *VEJA* MAGAZINE, CENSORSHIP AND MILITARY DICTATORSCHIP IN BRAZIL (1968-1985)

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute a relação entre censura e imprensa no Brasil, a partir de uma leitura histórica sobre as direções que a censura tomou, sobre quais grupos atuou e em que medida isso ocorreu, tendo como fonte a trajetória da revista *Veja* e algumas de suas reportagens entre 1968 e 1985. Busca-se perceber a censura em seu percurso histórico no Brasil contemporâneo, para daí mostrar como se dava a relação entre imprensa e censura na última ditadura militar brasileira.

**PALAVRAS-CHAVES:** Revista *Veja*. Censura. Ditadura Militar. Brasil.

Carolyn Kitch (2005), ao estudar as revistas *Time*, *Newsweek*, *Life* e *US News and World Report*, argumenta que publicações informativas são modelos de escrita literária que têm relação direta com o jornalismo. Para a autora, essa ligação é evidente, porque os rituais de reportagem envolvem a repetição de histórias familiares, de memórias públicas, de sentidos sociais de tempo, de crítica dos costumes e de outros aspectos do cotidiano do qual elas emergem. Ainda segundo a autora, essas publicações compartilham da linguagem dada pelo mundo cotidiano e as matérias veiculadas não são apenas frutos das decisões individuais de articulistas, mas de um processo mais amplo que envolve toda a cadeia de produção jornalística e as posições socioculturais de leitores, com variações de tempo e de espaço (KITCH, 2005). Nesse sentido, o texto de revista adquire a qualidade literária, pois mesmo sendo um produto cultural por vezes alheio às arenas de investigação científica ou política, ele exerce de maneira clara, ainda que inconscientemente, uma influência sobre culturas emergentes no todo social, na medida em que, além de expressar, também atinge os mais diferentes aspectos da cultura cotidiana (BUELL, 1995, p. 3).

As relações entre jornalismo e literatura seriam marcadas por uma “contaminação incessante”, entre si e com relação à sociedade, no que diz respeito ao uso de processos e técnicas de produção de texto, aos padrões estéticos ou à profissão jornalística. Em meio à discussão dos estatutos do jornalismo e da literatura, o primeiro marcado por pretensa

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2008). Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (Bolsista PNPd/CAPES). E-mail: lucianarfk@gmail.com. Site: <http://ufsc.academia.edu/LucianaKlanovicz>.

objetividade, o segundo caracterizado pela subjetividade, a escrita presente em revistas de informação também é uma instituição literária que atua como barômetro da cultura e como agente de mudança ou de manutenção do *status quo*. O jornalismo e suas técnicas literárias representam uma das principais produções culturais das sociedades contemporâneas e, como cultura, são alvos diretos e quase imediatos, dos mais diversos tipos de censura, tais como a vertical (orientada pelo estado), as horizontais (elaboradas no mundo cotidiano do trabalho de edição), as pré-censuras ou as censuras pró-ativas (MCNICOL, 2008, p. 9). No Brasil, essa construção do jornalismo em meio à censura tem assumido importância histórica, especialmente quando se trata do último regime militar (1964-1985), marcado pelo controle e por diversos tipos de censura sobre quase todas as produções culturais nacionais, entre elas, sobre textos escritos.

Este artigo trata da relação entre censura e imprensa no Brasil, entre 1964 e 1985, por meio de uma leitura histórica sobre as direções que a censura tomou, sobre quais grupos atuou e em que medida isso aconteceu. A atenção repousa sobre os procedimentos de censura e as formas de intervenção na prática jornalística. Nesse sentido, é preciso perceber a censura em seu percurso histórico no Brasil contemporâneo para mostrar, através da análise de algumas reportagens e da trajetória da revista *Veja*, como se dava a relação entre imprensa e censura na última ditadura militar brasileira. Isso significa, também, considerar o próprio percurso da revista, que surgiu em meio ao acirramento da pressão de censura do regime sobre produções culturais.

Dois são os momentos enfatizados com relação à revista *Veja*. O primeiro é o seu lançamento, em 1968, e sua proposta de inovação e profissionalização do segundo de mídia “revista”. O segundo envolve a ascensão editorial da publicação, percebida ao longo da década de 1980, acompanhada pela euforia representada pelo fim da ditadura militar e a construção da ideia de liberdade de expressão e de imprensa no Brasil.

É necessário observar que a imagem do jornalista sofreu transformações importantes na década de 1980. Stela Senra (1997, p. 21) afirma ter ocorrido um deslocamento do papel do jornalista naquele período por conta da “incorporação de padrões racionais de decisão na esfera da produção e circulação de mercadorias em geral”, o que contribuiu para a efetivação da empresa jornalística nos moldes competitivos frente à disputa com a televisão pela produção de notícias. Assim, “a partir dos anos 80, eles se informatizaram e adotaram métodos de gerenciamento, dando início a um processo de racionalização que viria inaugurar,

por sua vez, tanto uma nova concepção de jornalismo quanto da função do jornalista” (SENRA, 1997, p. 21).

O processo de redefinição da imprensa escrita – em termos de manutenção da competitividade com a mídia televisiva – gerou uma fragmentação de tarefas (e sua especialização), o que inseriu o próprio jornalista numa cadeia de “produção em série”. Em última instância, esse processo acabou por transformar a própria relação entre jornalistas e seus objetos de trabalho. Desse modo, os profissionais jornalistas “deixaram de abarcar a totalidade da produção da notícia, que praticamente escapou das mãos de um único jornalista” (SENRA, 1997, p. 22). Esse fenômeno, que ocorreu na imprensa escrita de maneira geral, sugere a emergência de um novo perfil dos jornais, que tendeu a contribuir para o enfraquecimento da voz do jornalista, gerando o anonimato jornalístico, ao passo em que a técnica passou a ser considerada a preocupação prevalente. Stella Senra (1997) afirma que, em contraponto a esse aprofundamento do anonimato, determinados profissionais foram postos em evidência e alçados à condição de “estrelas do jornalismo”, fato que a autora denomina de auto-exposição, com prevalência não da produção da notícia em si, mas da transformação do profissional do jornalismo em imagem (SENRA, 1997, p. 26).

Assim, a metáfora “climática” do furacão é bem vinda: se a imprensa estava no olho do furacão, a censura constituía uma das forças centrífugas que faziam com que a cultura (e a imprensa escrita) “saltasse” de um estado de coisas silenciadas (pela censura) para a arena das ações efetivas que emergiam aos olhos de uma parcela da sociedade.

## 1. Revista *Veja*

Em 1968, em São Paulo/SP, a editora “Abril” criou a revista *Veja*, sediada naquele mesmo município. O periódico foi elaborado por Victor Civita, jornalista italiano radicado no Brasil, com inspiração na revista estadunidense *Time*. *Veja* ainda é a revista brasileira de maior inserção nas camadas médias do país, e a de maior circulação nacional. Ela tem como antecessor o modelo das revistas ilustradas ou de variedades que, de acordo com a historiadora Tânia Regina De Luca (2005, p. 121), tinham como características a apresentação cuidadosa, a leitura fácil e agradável, a diagramação que reservava amplo espaço para imagens e conteúdo diversificado que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e que eram capazes de fornecer um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades (DE LUCA, 2005, p. 121).

Desde a primeira revista publicada no Brasil, *A Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900), essa fórmula disseminou-se com poucas modificações. Segundo Tânia R. De Luca (2005), uma renovação significativa no estilo e conteúdo de revistas só ocorreu em dois momentos: o primeiro com a publicação de *O Cruzeiro*, em 1928 (que trouxe novos sentidos à fotografia e às reportagens), e depois o lançamento da *Veja*, em 1968 — que efetivamente alterou o padrão citado acima, situando-se como uma revista semanal de informação (DE LUCA, 2005, p. 121).

É importante atentar para o fato de que no período em que a *Veja* foi criada já havia, na imprensa escrita, um processo de segmentação do veículo. Dessa forma, havia uma especialização de publicações com base em temas e critérios diferenciados, tratando de assuntos como futebol, carros, mulheres nuas, mulheres modernas e que trabalhavam fora, mulheres mães e casadas, entre outros. A nova revista seguia um modelo importado, especializando-se em pequenas notas e reportagens extensas, constituindo-se como canal dos principais acontecimentos da semana. Portanto, o periódico tratava de produzir informação para um público nacional, sem regionalizar a leitura, como ocorria e ainda ocorre em vários jornais brasileiros.

Atualmente, a revista *Veja* atinge tiragens superiores a um milhão de exemplares, liderando o mercado das revistas semanais no interior do qual compete com as congêneres *IstoÉ* (que surgiu em 1976) e *Época* (desde 1998) (NASCIMENTO, 2002, p. 18). Mas nem sempre foi assim. Antes da competição com os periódicos já citados, a *Veja* disputava com as revistas *Realidade* e *Manchete* — a primeira, surgida na década de 1960, e a segunda, nos anos 1950.

A década de 1980 mostrou-se decisiva para *Veja*, principalmente porque ela pôde aumentar, em pouco tempo, a tiragem e ampliar o sistema de assinaturas. É necessário salientar, portanto, que esta revista nasceu em uma época da história brasileira marcada pelo acirramento dos mecanismos de controle instituídos pelo regime militar. O primeiro exemplar chegou às bancas de todo o país em 11 de setembro de 1968, com a tentativa de inovar no trato da notícia e com a missão de praticar um novo estilo jornalístico. Na editorial é possível observar, junto ao texto, a fotografia do grupo inicial de jornalistas reunidos para desenvolver a revista de acordo com os interesses e objetivos de seu editor e do grupo que representavam.

Desde o primeiro número da *Veja*, naquele 11 de setembro de 1968, a comunicação com o público foi dada por meio do uso de um espaço em que o Editor abria a respectiva edição. Nessa apresentação — que será marca registrada ao longo de história do periódico —

pode-se perceber a preocupação em mostrar a revista como inovadora, tanto no meio do grupo editorial Abril como também no cenário brasileiro. Tal preocupação ficou visível na primeira “Carta do Editor”, dirigida aos leitores com o seguinte teor:

Prezado leitor: Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros. [...] Agora nasce VEJA. Para fazê-la, selecionamos 100 entre 1.800 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do Curso, com cinquenta desses moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. Enviamos editôres e redatores para o exterior a fim de observar as principais revistas congêneres em ação. Abrimos ou ampliamos escritórios regionais em tôdas as grandes cidades do País e montamos uma complexa rêde de telecomunicações para mantê-los em contato constante com a redação em São Paulo. Para a cobertura internacional, contratamos os serviços de agências noticiosas e revistas de prestígio mundial: “Paris-Match”, da França; “Newsweek”, dos Estados Unidos; “Epoca”, da Itália; e “Der Spiegel”, da Alemanha. Finalmente, no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas — com capa, texto, fotos e anúncios —, a fim de treinarmos para a grande jornada que hoje se inicia (CIVITA, 11 set. 1968).

Ao que tudo indica, a proposta era profissionalizar os jornalistas na redação, o que representava um investimento menor sobre a imagem fotográfica e maior sobre o conteúdo das reportagens, muitas vezes de cunho investigativo, na busca pela acuidade da informação difundida ao público. O Editor-chefe apresentava, assim, não apenas as novidades editoriais e de recursos humanos, mas ainda salientava o compromisso de levar a informação ao país:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA (CIVITA, 11 set. 1968).

Além disso, a carta buscava mostrar que os objetivos da revista estavam ligados a rompimentos com a ordem estabelecida, lançando o olhar para um futuro de escolhas e de novos rumos:

Devemos esta revista — em primeiro lugar — aos milhões de leitores que através dos anos têm prestigiado nossas publicações. Às classes governantes, produtoras, intelectuais que reclamaram da Abril este lançamento. Aos jornalistas, que com dedicação e espírito profissional o tornaram possível. Aos quase mil gráficos que participam, entusiasticamente, de seu complexo esquema de produção semanal. Aos distribuidores, jornalheiros e transportadores que aceitaram o desafio de vencer as

enormes distâncias nacionais na corrida até as bancas, toda segunda-feira. E às agências e aos anunciantes que tomaram todo o nosso espaço disponível sem sequer conhecerem o projeto final da revista, numa comovedora prova de confiança. Conscientes da responsabilidade assumida ao editar VEJA, dedicamos a revista a todas essas pessoas. Ao Brasil de hoje e de amanhã (CIVITA, 11 set. 1968).

Apesar de evidenciar os avanços técnicos e de recursos humanos, nem todas as reportagens e seções da revista eram assinadas. Havia uma influência inicial do material que vinha de agências de notícias alheias à redação da *Veja*, principalmente matérias internacionais. A utilização de agências internacionais de notícias era uma prática bem difundida pela imprensa brasileira, inclusive a televisiva. Na TV Tupi, o famoso programa de notícias “Repórter Esso” era patrocinado pelos Postos “Esso” e produzido pela agência de publicidade McCann Erickson. Era comum as agências interferirem na elaboração e até na orientação dos programas jornalísticos e, nesse caso, o programa era elaborado pela agência de notícias United Press Internacional (UPI), “que entregava prontos o rolo de filme e o *script* à emissora, cabendo ao locutor, simplesmente, ler diante da câmera” (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2004, p. 18).

A capa da primeira edição da revista *Veja* é histórica e emblemática: traz a foice e o martelo, a cor vermelha como pano de fundo, para exemplificar um dos temas contidos na revista: o mundo comunista em plena Guerra Fria.

Sobre a seção “Brasil”, as reportagens publicadas giravam em torno de temas econômicos e políticos, com as seguintes manchetes: *Confronto entre estudantes e polícia; Presidente do Chile vem ao Brasil; Crise em acordo salarial; CL é obrigado a falar outra vez; Matador do bispo Garanhuns é liberado; Mudanças no projeto de reforma universitária; Águas subterrâneas trazem novas esperanças; Arena encontra oposição na terra do Presidente; Luta entre ambulantes e fiscais vira rotina; e Juizados não conseguem fiscalizar os orfanatos*<sup>2</sup>.

Na seção “Mundo”, as reportagens versavam sobre o mundo comunista, sendo que a principal manchete tratava das *Rebeliões na Galáxia Vermelha*. Neste artigo, a revista mostra a posição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como o Sol em meio à Galáxia comunista, tendo os países invadidos como satélites. A relação entre URSS e os países comunistas da Europa centro-oriental, bem como outros “países-satélites” era descrita conforme o seguinte:

---

<sup>2</sup> Matérias componentes da VEJA. São Paulo: Abril, n. 1, 11 set. 1968.

Desde que a galáxia foi formada, o Kremlin tem-se esforçado, por diversas maneiras, em ser o sol único e incontestado. Aos países que lhe giram em volta, nem sequer foi reconhecido até hoje o papel de planetas: de fato, no Ocidente, eles são chamados de satélites. Entretanto, nem tudo tem corrido de acordo com os planos do Kremlin: os satélites, ora um, ora outro, ensaiam há tempos sua rebelião. E o sol, a cada vez, fica menos luminoso (ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006).

Depois de fazer uma análise das rebeliões e crises que levariam a uma necessidade de reforma, a revista finalizava o artigo, concluindo que a “URSS de Brezhnev, Podgorny e Kossiguin, no momento de soltar os tanques, não é diferente da Rússia santa e dos czares que soltava a cavalaria. Ela não renega a sua vocação imperialista. A URSS pretende apenas salvar o que pode do seu império para ser, ainda, o sol da sua galáxia” (ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006).

No artigo “Romênia se prepara para a luta”, o periódico ressalta que “para a Romênia, as imposições de Moscou custaram caro, e nem a morte de Stálin em 1953, nem a nova política menos rígida aplicada pelos seus sucessores conseguiram diminuir esse peso”<sup>3</sup>. Ou seja, mesmo fazendo parte do Pacto de Varsóvia, a Romênia estava, naquele momento, em vias de ser invadida pelas forças soviéticas. *Veja* também mostrava as históricas lutas de resistência da região frente a atitudes imperialistas. Na matéria “Dubcek procura uma saída”, a revista apontava que para os tcheco-eslovacos ainda restava uma esperança encabeçada na resistência heroica de seu líder:

Raras vêzes um líder checoslovaco reuniu tantas características dos heróis de seu país como Alexander Dubcek. Mesmo com a Checoslováquia ocupada há três semanas por fôrça do Pacto de Varsóvia, êle continua o político de sete fôlegos, com uma notável capacidade de se manter no poder. Êle tem a obstinação do soldado Schweik — personagem literário nacional, encarnação do resistente passivo e heróico — e a singela honestidade de Jan Huss — queimado em 1415 como herege porque queria reformar a Igreja. E muitos só conseguem ver no alto, magro e tímido Dubcek um moderno Dom Quixote atirando-se de lança em punho contra as muralhas do Kremlin. Qualquer que seja sua imagem, Dubcek prossegue a luta contra Moscou na estreita margem de liberdade que os tanques soviéticos lhe concederam. (ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006a).

A URSS deixava de ser o centro das atenções nos artigos seguintes para dar lugar a notícias internas relativas, respectivamente, a países como Argentina, França e Estados Unidos, como exemplificam os seguintes artigos: *General Ongania está sozinho*; *Estudantes preparam-se para novas batalhas*; e *Campanhas presidenciais em fase decisiva*.

---

<sup>3</sup>ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA. Romênia prepara-se para a luta. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/numero1/p\\_095.html](http://veja.abril.com.br/numero1/p_095.html)> Acesso em: 15 maio 2006.

De qualquer forma, ao enfatizar a necessidade de resistência por parte dos países invadidos ou em vias de invasão, ou, ainda, ao reivindicar a importância de reformas tanto ideológicas quanto pragmáticas da URSS e do bloco socialista, *Veja* analisava a Guerra Fria do ponto de vista ocidental e, por conseguinte, muito semelhante à imagem estadunidense sobre o mundo do socialismo real. Isso fica evidente uma vez que a revista utilizava material jornalístico de determinadas agências internacionais de notícias, inclusive adotando a grafia dos nomes eslavos a partir da língua inglesa.

Convém destacar que 1968 foi um ano repleto de rebeliões no mundo inteiro: França, EUA, Polônia, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, Suíça, Inglaterra, Dinamarca, Espanha, Turquia, Japão, Peru, Brasil, Chile, México, Argentina, Uruguai, Madagascar, Marrocos e Tunísia. É claro que os movimentos tinham sentidos diversos nesses vários lugares, mas sua simultaneidade explicita a profunda insatisfação dos jovens com o mundo que lhes era oferecido (DUARTE, 2005, p. 20). Portanto, a agitação política não era exclusividade do mundo socialista, como levava a crer o primeiro número de *Veja*.

Além desses dois setores bem definidos, a revista tinha um setor “Geral”, onde as reportagens eram relacionadas a assuntos como comportamento, medicina, esporte, curiosidades, ciência, educação e moda. Das reportagens citadas, destacava-se a que noticiava a violência entre policiais e estudantes em meados de 1968. Intitulada *A Culpa da Violência*, (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b) a reportagem mostrava não apenas o embate entre a polícia e os estudantes, mas a forma como esses confrontos eram vistos pela revista *Veja*, nas maneiras diferentes de pensar e de agir:

Estudantes e polícia são como duas moléculas diferentes colocadas uma diante da outra. Elas se atraem, provocam o encontro de energias contrárias e geram o atrito. Se elas fôsem iguais, o resultado seria estabilidade. A explicação é de uma aluna de Química Orgânica da Universidade de Brasília. Com ela, outros universitários se juntam em torno de uma mesa do Campus Bar, num dos prédios da Universidade, para ouvir Paulo Speller, sobrinho do ex-Presidente Castelo Branco, estudante de Psicologia, aclamado poucos momentos antes líder do movimento estudantil de Brasília. Paulo substitui Honestino Guimarães, prêso a pedido da Justiça Militar. Paulo também com prisão preventiva decretada pela Auditoria Militar de Juiz de Fora, olha tranqüilamente para um colega que esfrega o olho irritado pela fumaça e continua dentro do assunto: "Sem pensar, você levou a mão aos olhos, assim que a fumaça o irritou. Isso foi instintivo. Agora, se você passa o tempo todo ouvindo ameaças, boatos e de repente se defronta com o "inimigo", você não pode esperar que êle o irrite antes". Um terceiro estudante, de Sociologia, opina: "A Sociologia vem acompanhando as crises estudantis em todo o mundo e descobriu que a única constante, em tôdas elas, é o não atendimento de pequenas reivindicações dos jovens por parte dos adultos fixados na defesa de conceitos superados" (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

A reportagem dava conta do início das manifestações estudantis no Brasil, localizando o ano de 1968 como uma nova fase de mobilizações que quebrava o silêncio de cinco anos:

Neles, foram esquecidos os gritos de "o petróleo é nosso" dos estudantes de outros tempos, em que as passeatas eram chamadas, pelos jornais, de "desfiles". Para as de agora, as autoridades às vezes usam outro nome: "guerrilha urbana". De um tempo de protesto romântico, o movimento estudantil passou para uma época de violência, contida — no clima de tensão que antecede as passeatas — ou desencadeadas nas lutas a pau e pedra contra o gás lacrimogênio, o cassetete e o tiro (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

De acordo com as autoridades, como o General Luís França de Oliveira (secretário de Segurança Pública da Guanabara) as manifestações estudantis dos anos 1960 tinham ligação com “elementos estranhos à classe”:

O próprio movimento mundial de subversão, que agora se observa, é prova eloqüente dessa afirmação. Aqui no Brasil — ou mais particularmente na Guanabara — considero tudo isso como parte de um movimento insurrecional, controlado pelos elementos do extinto Partido Comunista. E nessa convicção, portanto estaria — a seu ver — a melhor justificativa para o rigor das autoridades diante das manifestações. Dentro dessa perspectiva, o Secretário da Segurança Pública da Guanabara entende que a violência da repressão policial poderá ser chamada apenas de severidade para com uma situação inaceitável. E seus métodos são a única maneira de enfrentar à altura uma provocação ilegal e atrevida (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

O assessor de relações públicas da mesma secretaria avaliava negativamente a ação da polícia com relação à passeata dos estudantes:

A DOPS sabe muito bem que passeata não se dissolve a bala. Mas êste tipo de movimento de rua é um fato relativamente novo que exige uma série de adaptações técnicas, materiais e psicológicas". Entende, por isso, que não se pode deixar de levar em conta as condições emocionais do policial sem equipamento de proteção e instrumentos de controle adequados contra uma hostilidade que, freqüentemente parece ser de toda a população da cidade. "Em circunstâncias como esta", observa Jorge Sampaio, "o policial poderia temer pela própria vida, apesar de ser especializado em lidar, de cabeça fria, com agitações de massa (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

Já para membros do Exército Brasileiro, como o coronel Aldo Campanha (Subchefe do Estado Maior da Força Pública de São Paulo), as passeatas estudantis eram explicadas utilizando um princípio da Física, o que, portanto, seria logicamente aceitável: “A tóda ação corresponde uma reação igual e contrária” (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b). A reportagem mostrava, por meio de depoimentos de militares, que os soldados

eram treinados para que, mesmo provocados, não reagissem. Ela mostrava uma imagem positiva dos estudantes por parte do poder público, embora estes parecessem não ter voz.

A reportagem, a partir desse ponto, buscava analisar o porquê do comportamento estudantil ser violento. Por outro lado, mostrava uma perigosa naturalização da ideia de reação violenta da polícia quase como defesa e não como ataque. Para tanto, vozes que corroboravam com essa opinião eram trazidas, tais como a do médico neuropsiquiatra Washington Loyelo:

Para o Professor Loyelo, a polícia usa a violência contra os estudantes porque não conta com outros recursos hábeis para contê-los. Essa violência aparece nos momentos de transição, "em que uma estrutura social se mostra incapaz de atender aos anseios de um dos seus grupos". A juventude também se manifesta violentamente. Ela pode responder de forma violenta a uma violência inicial, o que para o Professor Loyelo é normal. Mas pode também ser a primeira a usar violência. Nesse caso, também é normal uma reação violenta da polícia. E os estudantes preferem a violência quando sentem que, "por meios pacíficos, não conseguirão o atendimento de seus desejos e reivindicações", certos ou errados (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

Se nas matérias internacionais a crítica sobre os excessos soviéticos era sentida no primeiro número da *Veja*, nas matérias nacionais o ponto incidia sobre os excessos juvenis, como que transformando a violência em algo imanente aos jovens, para poder justificá-la na esfera pública e política. Em poucos momentos, questionava-se a forma utilizada pela polícia para coibir as manifestações dos estudantes. A revista, assim, sugeria que a polícia apenas se defendia dos ataques dos estudantes, cumprindo apenas com o seu papel perante a sociedade.

Interessante observar que a mesma revista que traçou um perfil positivo sobre o poder público em relação aos estudantes tornou-se objeto da censura em meados da década de 1970. Anne-Marie Smith afirma que a censura atuou na revista *Veja* entre os anos de 1974 e 1976. Esta, assim como outras publicações, foi alvo da censura prévia — forma de interdição que, segundo a autora, era pouco usada pelo governo federal. Contudo, por agir de forma mais incisiva, a revista sofreu reações mais elaboradas, criativas e enérgicas por parte do mecanismo de censura, sendo que a intervenção tornou-se mais visível, imperativa e verticalizada. A mesma autora pondera, contudo, que esse tipo de censura não implicava, necessariamente, qualquer ação oficial pública, uma vez que “não havia notificação por parte de um juiz, tampouco normas públicas sobre os procedimentos e limites da censura. Os jornais eram simplesmente avisados pela Polícia Federal de que tinham de apresentar todas as matérias” (ARQUIVO VITURAL DA REVISTA VEJA, 15 maio 2006b).

Um dos grandes problemas da rotina de cortes no material produzido pela imprensa era o risco de deixar espaços em branco ou ainda ocorrer a distorção de informações, dada a exclusão de trechos e até de parágrafos inteiros de textos ou notícias. Diferente de outros tipos de censura, a censura prévia tornava possível perceber um esforço em alertar e informar tanto o público quanto outros jornalistas na busca por expressar sua frustração ou derrotá-la. No caso da *Veja*, a reação contra a censura prévia foi instituir a “cerimônia do chá”, assim descrita por Marcos Sá Corrêa:

O que começou como um hábito, uma prática para ajudar a manter-nos acordados em tantas madrugadas de espera pela volta do material censurado, transformou-se na cerimônia do chá. Durante tantas semanas, ficávamos acordados de quinta-feira até sábado. Naquela época podiam ser comprados finos chás importados. Acrescentamos taças de porcelana, toalhas de mesa de linho, chá inglês. Era um jeito de ficar acordados, uma brincadeira, um jogo, um ritual, um encontro no meio da noite, compartilhando (SMITH, 2000, p. 96).

Anne-Marie Smith afirma que, no ritual do chá, os jornalistas, ao canalizar esforços para as cerimônias, “tornaram-se insensíveis a outras finalidades que poderiam ter buscado, se tivessem refletido, guardando-os até de sua própria raiva” (SMITH, 2000, p. 96). Uma coisa era a relação com o documento censurado ou picotado. Outra era a relação dessa imprensa com os leitores e censores. Algumas publicações procuravam informar a situação de censura na qual se encontravam, como, por exemplo, fez *O Estado de São Paulo*, que passou a colocar poesia brasileira ou Camões no lugar das reportagens censuradas (SMITH, 2000, p. 117-9). A reação de *Veja* foi a de enganar os censores por meio de metáforas ou torcer o sentido das matérias. Ao avaliar essa prática, Sá Corrêa percebe que tal procedimento produzia um efeito distorcido: ao escrever de maneira a passar a matéria pelo crivo da censura, o material produzido tornava-se incompreensível para o leitor:

Foi um choque. Achava que nosso trabalho tinha sido tão significativo, mas não podia reconstituir a década a partir da revista. Só havia o que eles nos tinham deixado dizer. [...] Na *Veja*, com tanta luta, tanto conhecimento, não havia nada. Apesar de toda a loucura, havia certo método na censura. Mesmo com todo nosso conhecimento, a censura tinha sido eficiente e retirara o que era essencial para o regime (SMITH, 2000, p. 120-121).

Nos anos em que a *Veja* foi alvo desse tipo de censura, não conseguiu escapar do que os censores eram treinados para eliminar: a crítica, a informação, a mobilização. Tal fato é

uma evidência da multiplicidade de aspectos que cercavam a ação da censura, que a tornava quase que onipresente.

Os anos 1980 foram emblemáticos para a constituição da revista *Veja* como uma das maiores em circulação no Brasil. Esse fato é observado pelo acompanhamento da evolução da tiragem de um ano para outro. Em 2 de janeiro de 1985, a revista chegava às ruas e aos assinantes, com uma tiragem de 542.617 exemplares. Em 6 de agosto de 1986, *Veja* alcançou uma tiragem de 800.710 volumes<sup>4</sup>. Esse patamar foi mantido entre 1987 e 1989. O aumento da tiragem e a consequente visibilidade da revista tanto como comércio quanto como formadora de opinião pública posiciona-se em meio ao embalo eufórico do fim da ditadura, que impregnava os ares jornalísticos:

Felizmente para nós todos, 1984 marcou de fato, o início de uma nova era na vida do país. O ano em que os comícios pró-diretas não irromperam em violência em que a rejeição da emenda Dante de Oliveira não se transformou no estopim de uma crise e em que a perspectiva quase certa da eleição de um presidente da oposição não resultou em um golpe de Estado. Foi, assim, o ano da maturidade, em que o Brasil conseguiu não apenas abrir caminho para a transferência pacífica do poder exercido durante 20 anos pelos militares, como também iniciar a longa caminhada da retomada do crescimento econômico. [...] Se isso ocorrer, o ano de 1985 entrará para a história do país como tendo sido aquele em que o Brasil iniciou a **consolidação da sociedade livre, justa e próspera que todos almejamos** (CIVITA, 2 jan. 1985, p.17). (grifo meu).

Essa fala grifada, expressa pelo editor, mostra a expectativa da própria revista frente ao processo de redemocratização em curso no país. Contudo, as fontes apontam que a liberdade não era para todos os assuntos, o que sugere a defesa não de uma redemocratização irrestrita, mas cautelosa.

*Veja* publicou um gráfico, nos primeiros meses de 1985, medindo o índice da esperança e do otimismo com relação às mudanças políticas do país. Em 1978, 29% da população entrevistada era otimista no que dizia respeito às transformações futuras do Brasil, percentagem que foi caindo nos anos seguintes e que só voltou a subir, em 1984, para a casa dos 27%. Beatriz Kushnir (2004) situa 1984 como ano marcante, de “carga simbólica e mítica” para o processo de redemocratização no Brasil, em virtude dos comícios da campanha “Diretas Já!”.

Se o ano de 1984 foi “mítico”, 1985 parece ter sido destinado à realização de todos os sonhos guardados durante a ditadura. Sonhos partilhados, à espera de um momento político propício para sua manifestação. No primeiro número da *Veja* editado em 1985, observa-se que

---

<sup>4</sup> VEJA. São Paulo: Abril, n. 935, 6 ago. 1986. Tiragem: 800.710 exemplares.

a vontade de mudança poderia ser encontrada numa proposta de alterar uma velha prática social: a de marcar todos os principais compromissos para depois do carnaval, num texto inspirado pelo lema de um *sopro renovador*.

Eram comuns neste período de redemocratização anúncios que destacam não só os produtos, mas que expressavam uma vontade, um dever. Promovido pela Editora Abril e pela Agência de Propaganda Grad Darmann, o título esclarecia ao leitor do que se tratava: *1985 começa hoje. E não depois do Carnaval*. Nesse mesmo ano, em março, a possibilidade de mudança, grandemente desejada e esperada por uma camada significativa do público leitor e dos próprios meios de comunicação e produtores culturais, parecia mais que provável. O lugar comum dos dias melhores, da esperança num futuro de melhores condições sociais e econômicas, que alimentava os sonhos da população brasileira, transmutava-se em vontade que pairava na atmosfera marcada pela posse de um novo presidente, dessa vez civil, Tancredo de Almeida Neves.

Em 13 de março de 1985, antes da posse, a seção “Ponto de Vista”, que fechava a revista *Veja*, trouxe a opinião de Nirlando Beirão (13 mar. 1985). Sob o título de *À espera da mudança*, Beirão conclui o texto adotando um discurso positivo e esperançoso sobre os desdobramentos políticos do país: “Em respeito a tudo o que o presidente eleito já fez e promete fazer, há de se confiar em que, na condução dos negócios do Estado, ele passe a contemplar a nação, que precisa dele, e, conseqüentemente, a história” (BEIRÃO, 13 mar. 1985). No exemplo da propaganda da companhia de assistência técnica, o olhar de um trabalhador para a cidade sugeria a esperança de que o próximo presidente pudesse propiciar muitas mudanças.

Tanto na visão do “Ponto de Vista” quanto no anúncio da “Personair” pode-se perceber uma personalização da resolução de todos os problemas que pareciam assombrar os brasileiros nos anos de ditadura e que, a partir de 1985, seriam efetivamente solucionados. Tal visão produziu discursivamente o poder de mudança nas mãos de apenas um homem, que, no caso, seria o então presidente da república, Tancredo Neves, eleito indiretamente. Entretanto, a frustração veio a seguir, por conta da impossibilidade da posse, e, dessa forma, a esperança por dias melhores sofreria uma queda. Apesar disso, a imprensa, por meio dos anunciantes, passou a divulgar a “Nova República” ou a esperança de mudança efetiva nos rumos do país, numa tentativa talvez de desvincular a esperança/mudança da figura de Tancredo Neves. Ao longo do mês de março foram várias as citações sobre esse espírito de campanha por dias melhores. Em algumas imagens que a revista apresenta, observam-se exemplos que

demonstravam, por meio de frases de efeito, o mesmo objetivo: a esperança num futuro melhor, que dependia das iniciativas individuais de cada cidadão ou cidadã brasileiros. Lembro ao leitor e leitora que aqui estão apenas alguns exemplos de anúncios que seguiam esse objetivo. Se olharmos os anúncios de forma isolada não se poderia chegar a essa conclusão. No entanto, o fato dos anúncios se sucederem de forma contínua mostra, justamente, que eles estavam, de certa forma, envolvidos nas mudanças políticas do país.

O primeiro anúncio do exemplar referia-se à construção do Norte Shopping na capital paulista. A promoção passaria despercebida se não atentássemos para a linha final do anúncio, que, em tom de promessa, afirma: “Daqui pra frente, tudo vai ser diferente”. Em abril daquele ano, ainda prevalecia a visão de otimismo frente aos obstáculos advindos de uma recente saída da ditadura e adaptação aos “novos tempos”.

No anúncio do *Almanaque Abril 85*, percebe-se a construção da necessidade de estar pronto para a luta. Na foto que toma boa parte da página, uma moça, em posição de combate e olhar sedutor, parada num ringue, mostra-se pronta para um enfrentamento. Interessante usar esse discurso e essa imagem e não outra para mostrar a ideia de que era preciso estar pronto para a luta pelo futuro, já que o produto tratava-se apenas de uma enciclopédia anual. Assim, nos primeiros meses de 1985, percebe-se, em várias campanhas publicitárias veiculadas na revista, uma faixa no canto superior direito com os dizeres “Muda Brasil”, grafados em verde e amarelo, como a que estava presente na campanha publicitária da Ellus.

É importante destacar que esse processo tinha relação com a propaganda oficial, que se definiu como “Nova República” e, assim, “entre outras promessas, apregoava-se o fim da censura. Essa seria não mais política, nem moral, mas apenas classificatória. Nos jornais da época, eram inúmeras as matérias que destacavam as expectativas por essas mudanças” (KUSHNIR, 2004, p. 76). Tal investimento governamental não parou com a morte de Tancredo Neves e foi alimentado pelo seu sucessor, José Sarney, que promovia publicamente os “novos ventos, novos rumos” (KUSHNIR, 2004, p. 75). No entanto, o discurso de MUDA BRASIL que aparecia em grande parte dos anúncios de *Veja* desapareceu no final do ano de 1985 e não mais retornou.

Segundo Beatriz Kushnir, Fernando Lyra, nomeado Ministro da Justiça do futuro governo Tancredo Neves, manifestou, em diversas ocasiões públicas, a ratificação do término do exercício censor no país. Contudo, no âmbito da legislação federal, não houve alteração efetiva, já que “não se revogaram decretos e leis; apenas se manifestaram intenções e lhes deram caráter definitivo de término da censura. A legislação de censura, naquele momento,

ainda se baseava em um tripé de números” (KUSHNIR, 2004, p. 80-81)<sup>5</sup>. Ainda para esta autora, foi a mistura dessas leis que passou a orientar o que devia ser ou não censurado, “delimitando a tênue fronteira entre obscenidade, pornografia e proteção às famílias — baluarte a ser resguardado e em nome do qual se travavam verdadeiras guerras santas”. A autora ainda enfatiza que tal construção legislativa era uma forma de “legitimar desmandos e também uma maneira protetora e sufocante de preservar e impor moralidades e costumes” (KUSHNIR, 2004, p. 80-81).

## 2. Considerações finais

Neste artigo foi possível perceber a imprensa e sua relação com a censura em diversos períodos da história do Brasil; uma história marcada por estratégias, legislações, punições e censura. *Veja* nasceu em meio à ditadura militar que tomou o poder em 1964, na tentativa de trazer um formato diferenciado das revistas informativas que existiam até então. No entanto a representação desta modernidade não escapou de um reforço na descrição da atuação dos jovens em plenos ventos do furacão promovido pelo AI-5. Mesmo assim, como ocorreu com os demais segmentos jornalísticos, a revista sofreu a intervenção do poder público, numa verticalização incorporada em algumas redações sob a forma de censura prévia.

Nos anos 1980, emergiu a expectativa de mudança observada mais pelos anúncios das empresas que ocupavam as páginas de *Veja* do que por meio de suas reportagens. É bom lembrar do surgimento de um novo tipo de jornalista – aquele que fazia parte de uma grande cadeia de produção da notícia – que escrevia no anonimato. Nesse mesmo período, na imprensa escrita brasileira, o lugar de onde se falava era o da empresa capitalista, cuja relação com os funcionários era operacionalizada e segmentada. Era um tipo de imprensa diferente que emergia em meio a uma competição com a imprensa televisiva, mais ligada à imagem e à produção de textos curtos. Na tensão dessas relações, as notícias e as reportagens eram produzidas e lidas por um leitor personalizado, conhecido, entre outros aspectos, pela divulgação das “Cartas dos Leitores”.

Assim, mapeou-se, neste artigo, o lugar que *Veja* ocupou e, principalmente, as relações que a revista estabeleceu com a censura. Reconhecer esse espaço foi importante, porque mesmo diante dos *ventos democráticos* emergentes com o fim da ditadura, a revista

---

<sup>5</sup> A autora se refere aos seguintes números: 1) decreto n. 20.493, do ano de 1946; 2) decreto-lei n. 1.077, do ano de 1970 – ambos de caráter proibitivo e 3) Lei Gama e Silva n. 5.536, do ano de 1968, jamais aplicada e de conteúdo liberal e progressista.

seria um dos palcos de intervenções de parcela do público leitor em uma demanda pela manutenção da censura no cotidiano, o que poderíamos dizer que tal democratização foi desejada, porém marcada pela cautela.

**ABSTRACT:** This article discusses the relation between censorship and the press in Brazil, departing from a historical reading of the directions taken by censorship, and the analysis of the groups on which it acted, and to what extent it occurred. Investigation takes the timeline and stories from *Veja* Magazine between the years of 1968 and 1985 as its source. It seeks to view censorship in its historical path in contemporary Brazil in order to present the relationship mechanisms between censorship and the press during the most recent military dictatorship in Brazil.

**KEYWORDS:** *Veja* Magazine. Censorship. Military Dictatorship. Brazil.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA. Rebeliões na Galáxia vermelha. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/numero1/p\\_086.html](http://veja.abril.com.br/numero1/p_086.html)> Acesso em: 15 maio 2006.

ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA. Romênia prepara-se para a luta. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/numero1/p\\_095.html](http://veja.abril.com.br/numero1/p_095.html)> Acesso em: 15 maio 2006.

ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA. Dubcek procura uma saída. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/numero1/p\\_101.html](http://veja.abril.com.br/numero1/p_101.html)> Acesso em: 15 maio 2006.

ARQUIVO VIRTUAL DA REVISTA VEJA. A culpa da violência. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/numero1/p\\_22.html](http://veja.abril.com.br/numero1/p_22.html)> Acesso em: 15 maio 2006.

BEIRÃO, Nirlando. À espera da mudança. *Veja*. São Paulo: Abril, p. 146, 13 mar. 1985. Coluna Ponto de Vista.

BUELL, Lawrence. *Environmental Imagination*. Boston: Harvard Belknap Press, 1995.

CIVITA, Victor. Carta do Editor. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 1, s/p. 11 set. 1968.

CIVITA, V. Carta do Editor. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 852, p. 17, 2 jan. 1985.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DUARTE, Regina Horta. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KITCH, Carolyn. *Pages from the Past: History & Memory in American Magazines*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2005.

KUSHNIR, B. *Cães de guarda: jornalistas e censoras do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.

McNICOL, Sarah (Org.). *Forbidden Fruit*. Boca Raton: Brownwalker, 2008.

SENRA, Stella. *O último jornalista: imagens de cinema*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 935, 6 ago. 1986. Tiragem: 800.710 exemplares.